

O surgimento da indústria

Capítulo III

O surgimento da indústria

Capítulo III

2

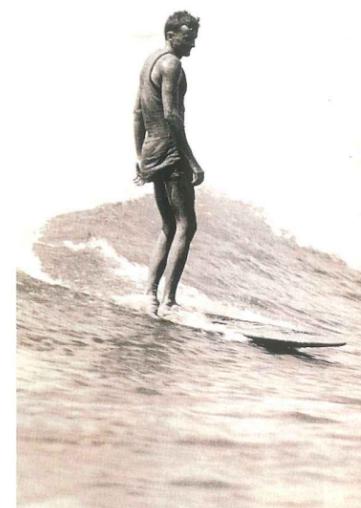
Como vimos no capítulo anterior, Duke Kahanamoku e seus amigos de Waikiki foram os precursores do que se convencionou chamar de surf moderno, ou seja, o surf que nasceu nas ilhas havaianas após sua quase destruição, fruto das ações dos missionários europeus. Apesar de toda a sua importância no contexto do ressurgimento do surf como esporte, cultura e forma de auto-expressão, Duke morreu pobre e até certo ponto amargurado⁵. Mesmo sendo um dos mais importantes personagens do nosso esporte, não conseguiu sobreviver de sua glória, e foi obrigado a contentar-se com as mais diversas formas de ocupação profissional⁵. Esses foram os tempos de Duke, e foram os tempos de seus sucessores, os

surfistas dos anos 20, dos anos 30, 40, e de parte dos anos 50. Anos difíceis, porém dourados, com certeza. Anos de uma pureza singela que se dissipou no tempo. Anos em que a massificação do esporte ainda era algo muito distante, e a possibilidade de sobreviver dele, uma idéia ainda mais remota e intangível.

OS VISIONÁRIOS

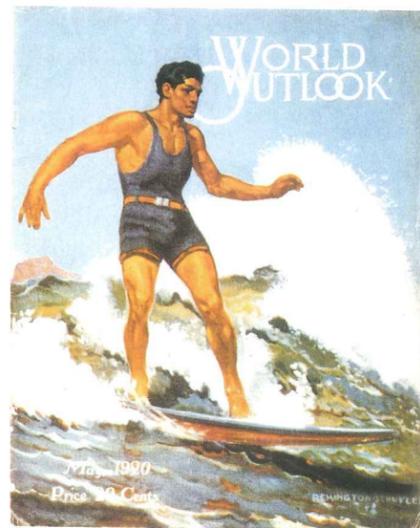
Entretanto, alguns surfistas conseguiram, através de muita perseverança e engenhosidade,

sobreviver, mesmo que parcialmente, do esporte que tanto amavam. Esse foi o caso de Tom Blake, um jovem de Wisconsin que em 1924 mudou-se para o Havaí, onde travou contato e estabeleceu uma grande amizade com Duke. A partir daí, dedicou



3

toda a sua vida aos esportes aquáticos havaianos, tornando-se um bom surfista, um excelente remador e um dos maiores revolucionários do surf. Tom criou diversos modelos de pranchas de surf. Era um grande experimentador. Em 1930 patenteou (U.S. Patent # 1872230) seu modelo de prancha oca conhecida como "charuto". Essas pranchas foram utilizadas durante anos pelos salva-vidas das praias de toda a América^{1,2,4}, e continuaram sendo utilizadas por eles até o início dos anos 50, porém, desta vez, manufaturadas por um outro excelente surfista



californiano de nome Pete Peterson³. Dentre os grandes feitos de Tom Blake como esportista, podemos citar sua vitória no campeonato de surf da costa do pacífico, realizado em Corona Del

Mar em 1928, e algumas importantes vitórias em campeonatos de remada em pranchas de surf. Além disso, Blake é conhecido por ter escrito em 1938 o primeiro livro de surf da história: *Hawaiian Surfboard*. Nesse mesmo ano torna-se a primeira pessoa a

fixar uma quilha nas pranchas de surf, revolucionando dessa forma o esporte⁴. Meyers Butte é um outro exemplo isolado de surfista visionário. Butte foi o primeiro membro de nossa tribo a manufaturar pranchas de surf em uma pequena fábrica de sua família. Isso aconteceu em 1932, quando as pranchas ainda eram feitas com madeiras extremamente duras e pesadas, tais quais as conhecidas redwoods. Butte escolheu a "Swastika" como logomarca de sua pequena produção, entretanto abandonou a idéia logo que Adolf Hitler a adotou como símbolo do nazismo⁴. Os dois exemplos citados

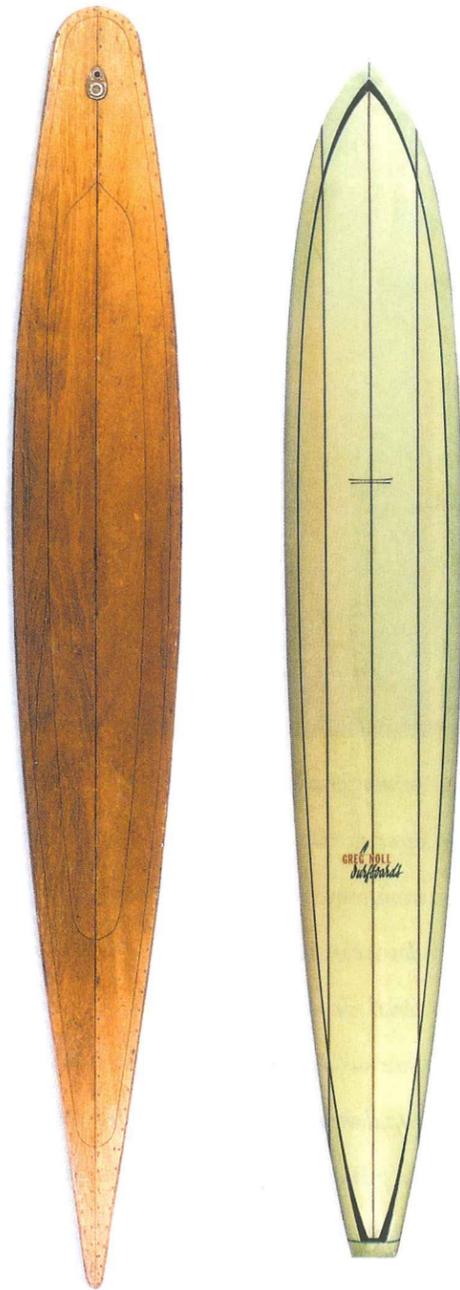


acima foram exceções à regra vigente naquela época. O surgimento da indústria do surf só aconteceria anos mais tarde, na cena californiana dos anos 50. Talvez esse tenha sido o período mais fértil de nosso esporte, pois foi a partir dessa data que os diversos componentes que consolidaram o atual mercado do surf começaram a se formar e ganharam identidade: surfshops, filmes de surf, surfwear, revistas especializadas, entre

outros, ganharam força graças a um bando de rapazes que, como todos nós, lutaram para manter-se crianças eternamente, sonharam com o verão sem fim como Bruce Brown, e inventaram mil maneiras de perpetuar a infância que o surf nos proporciona. A megaindústria do surf nasceu nos porões e nas garagens da Califórnia, e é sem sombra de dúvida um dos capítulos mais ricos e divertidos de nossa história.

A MANUFATURA DE PRACHAS

Como não poderia deixar de ser, o item mais importante de toda a crescente indústria do surf foram, e continuam sendo, as pranchas de surf, e é por aí que iniciaremos nossa epopéia deste capítulo. Um dos pontos cruciais para o crescimento da indústria de manufatura de pranchas de surf foi a contínua evolução dos materiais, e o aparecimento da madeira balsa contribuiu como um de seus maiores propulsores. Na transição dos anos 40 para os 50, a grande maioria dos surfistas californianos surfavam com as velhas redwoods: Matt Kivllin e Joe Quigg, em Malibu, Doc Ball e alguns garotos do Palos Verdes Surfboard Club, Dale Velzy, Leroy Grannis, Ted Kerwin e os irmãos Edgar em Hermosa Beach e Manhattan Beach, Lorrin Harrison em San Onofre, e mais alguns poucos³. A manufatura era difícil e as encomendas eram escassas. Entretanto, com a chegada da madeira balsa, tudo ficou mais fácil, e um punhado de garotos partiram para as garagens e iniciaram pequenas fábricas



6

rudimentares. Dale Velzy e Hap Jacobs faziam as famosas Velzy and Jacobs. Hobie Alter iniciou seu trabalho em Dana Point. Larry Gordon e Floyd Smith originaram as mitológicas Gordon and Smith. Bing Copeland, Mike Bright, Sonny Vanderman e Rick Stone também iniciaram seus negócios, e apesar de haver muitos outros nomes, esses foram os que, além de manufaturar as pranchas, partiram para a aventura das surfshops. Existem inúmeros filmes que mostram a beleza do trabalho com a madeira balsa. Entre eles podemos citar um pequeno documentário compilado por Dana Brown, e que mostra cenas filmadas em super-8 pelo lendário Greg Noll, o Da Bull. Esse documentário recebeu o nome de Search for Surf e deveria ser visto por todos aqueles que não tiveram a sorte de sentir o odor da madeira ao ser trabalhada com a plaina, nem o prazer de deslizar sobre as ondas cavalgando uma nave vegetal, ou seja, a quase totalidade dos surfistas atuais!



DALE VELZY

Porém, de todos os pioneiros que citamos acima, foi Dale Velzy o primeiro que realmente passou a viver de surf, mais precisamente... de surfshop! Sua loja foi estabelecida no píer de Hermosa Beach^{2,3,4}. Dale Velzy, além de um grande shaper, foi um excelente surfista. Existe no Havaí até mesmo uma praia com seu nome: nada mais nada menos do que a incrível Velzyland! Velzy influenciou muitos surfistas com seu modelo de prancha, conhecido como Potato Chips ou Malibu Chips, modelo esse aprimorado de uma idéia de outro grande nome dessa época, Joe Quigg, o primeiro surfista a construir pranchas de surf com

7

madeira balsa. Essas pranchas de Velzy impulsionaram o surf californiano da década de 50, e impressionaram um grande número de moleques também. Entre esses moleques estava Greg Noll, um de seus mais famosos pupilos. Em sua maravilhosa biografia, Noll relembra Velzy com carinho, admiração e respeito³. Além disso, recorda passagens bem interessantes daqueles tempos, como esta: "Tudo andou muito bem entre Velzy e eu por pelo menos três anos. Ele fazia pranchas e eu tentava sugar tudo o que podia. Um dia, Velzy foi almoçar com Billy Barr e deixou uma prancha inacabada na sala de shape. Eu perguntei a ele se poderia retirar os fiapos de madeira com uma lixa e ele consentiu, mas solicitou-me que não fizesse mais nada, para não estragar a prancha. Quando Velzy retornou, quatro horas mais tarde, a prancha estava pronta. Velzy caminhou em minha direção, pegou a prancha e me fuzilou com os olhos.. Olhou o deck, olhou para mim...

olhou o bottom, olhou para mim, olhou as bordas, olhou para mim... e essa foi a primeira e última prancha que fiz para Velzy... Era hora de desmamar... Dois meses mais tarde, eu estava fazendo as minhas próprias pranchas³!" Nossas bermudas de surf também podem ter saído de uma brincadeira entre Velzy, Barney Briggs e mais alguns malucos. Um certo dia, esses rapazes foram até um bazar do Exército de Salvação e compraram longas bermudas de marinheiro, que alcançavam os Joelhos. Eram largas, confortáveis e adequavam-se ao estilo descompromissado dos surfistas. Uma brincadeira marcante é sempre lembrada pelos surfistas que viveram aquela época. Conta a lenda que Velzy e seus amigos organizaram uma competição para ver quem sobreviveria mais tempo dentro de um desses bermudões! A regra era clara: viva dentro de seus bermudões! Surfe, tome banho, trabalhe, etc. Era proibido tirá-los em quaisquer circunstâncias! Somente na hora da transa ou no momento de abrandar as

necessidades fisiológicas, é que eles poderiam chegar até os Joelhos! Nem ao menos no banho era permitido tirá-los. A imundície deve ter chegado aos limites mais extremos do suportável, mas serviu de estímulo ao nascimento da moda... Usar esses bermudões se tornou algo cool³. No início da década de 60, Dave Rochlen iniciou a Rochlen' Company, uma empresa de bermudões ao estilo Velzy, mas que trazia agora as cores havaianas estampadas, em vez do branco marinheiro dos velhos tempos. A linha surf da Rochlen' Company foi inicialmente vendida em uma surfshop de Honolulu cujo proprietário era Dick Metz. Posteriormente a empresa se tornou uma das maiores do ramo³. O verão do ano de 1960 também viu surgir uma das mais bem-sucedidas empresas de surfwear de todos os tempos, a Hang Ten. Duke Boyd e Dorris Moore foram os responsáveis por esse sucesso, e em 1971 a empresa chegou a faturar a incrível cifra de 18 milhões de dólares em vendas!

SIMMONS E A FIBRA DE VIDRO

Como já podemos observar, o crescimento do que se convencionou chamar de indústria do surf aconteceu na base da brincadeira, e não poderia ser de outra forma, em se tratando do nosso esporte. Entretanto, algumas pessoas muito importantes para o crescimento do surf trouxeram experiências advindas de campos paralelos ao nosso. Esse foi o caso do grande Bob Simmons. Simmons começou a surfar relativamente tarde, e sua história é bem interessante. Antes de aventurar-se nas ondas, Simmons competia em ciclismo. Um certo dia, envolveu-se em um terrível acidente com sua bicicleta, e um carro esmagou um de seus braços, o que lhe rendeu uma hospitalização muito longa, além de algumas seqüelas permanentes. Quando hospitalizado, Simmons conheceu um surfista que o cativou com estórias de ondas, diversão e tudo mais. A partir desse dia, as bicicletas foram

trocadas pelas pranchas de surf, e uma relação de amor se iniciou. Simmons, como muitos dos garotos californianos daqueles tempos, foi literalmente contaminado pelo vírus do surf³! Como Bob Simmons era engenheiro, sua estadia no surf foi repleta de tentativas bem-sucedidas de unir esse esporte à sua profissão. Objetivando construir pranchas de surf mais leves, pesquisou e trabalhou com uma grande variedade de materiais, sendo a utilização pioneira da fibra de vidro a sua maior contribuição para a indústria do surf^{2,3,4}. É importante que o leitor se situe no tempo... Simmons veio antes de Velzy, e é contemporâneo de Joe Quigg. Com seus experimentos com a fibra de vidro, semeou um campo fértil para uma enorme safra de bons fabricantes de pranchas desfrutarem de materiais mais resistentes, duráveis e, por que não dizer, bonitos. Quem o conheceu pessoalmente se recorda de sua personalidade exótica e excêntrica. Gostava de surfar sozinho, e, mesmo com sua deficiência física, encarava ondas grandes. Buzzy Trent, um dos maiores surfistas dos anos 40 e 50, se

recorda de tê-lo visto absolutamente sozinho no line-up de Sunset, quando o North Shore havaiano ainda era um tabu, e a grande maioria dos surfistas tinha seu dia-a-dia orientado para as ondas da praia de Makaha, no oeste do arquipélago³. Simmons foi um personagem completamente diferente dos padrões vigentes naqueles dias. Além de surfista de alma, tinha uma profissão de respeito, era um leitor voraz, tinha uma presença marcante, sabia como ninguém os segredos do oceano e ensinava aos seus pupilos desde oceanografia até química. Por fazer parte da tribo, era admirado por muitos dos mais influentes surfistas daquela época, como Matt Kivlin, Quigg, Buzzy Trent e Peter Cole. É de Cole a seguinte frase: "Simmons foi simplesmente o nosso guru⁴". Simmons morreu surfando, na praia de Windansea, em San Diego, no ano de 1954. Um choque com sua prancha o desacordou, gerando seu afogamento. Quem for à Califórnia hoje poderá surfar em um local chamado Simmon's Point. Lá é que seu corpo foi encontrado alguns dias depois do acidente, e essa foi a forma de nossa tribo prestar-lhe uma última homenagem.

OS SUCESSORES DE SIMMONS

Dentre os surfistas que se beneficiaram com as experiências de Simmons, estavam Greg Noll e Mike Bright. Como todos os moleques daquela época, eles iniciaram suas aventuras re-shapeando velhas pranchas de madeira balsa. Noll fazia o shape e Bright, que era conhecido como Bones, as laminava com fibra de vidro. No final dos anos 50, o desenvolvimento dos materiais ainda engatinhava, e para que a resina ficasse completamente dura era necessário expor a prancha ao sol, pois os catalisadores eram extremamente precários. Greg Noll relembra passagens bem engraçadas dessa época: "Lembro-me de um dia em que Bones estava laminando uma prancha para um garoto, quando acidentalmente a deixou cair na areia. A resina ficou completamente cheia de areia, e por mais que Bones se esforçasse,



não conseguia obter êxito em retirá-la. Até que finalmente olhou para o rapaz e disse com a maior naturalidade: 'Creio que não será necessário o uso de parafina nesta prancha, ela foi planejada para oferecer a você a melhor aderência possível!'" Outra passagem muito cômica, e que o leitor pode encontrar tanto na biografia de Greg Noll quanto no já comentado documentário Search for Surf, versa sobre a dificuldade de se obterem boas madeiras balsas para a manufatura das pranchas. Um certo dia, Greg Noll ficou sabendo que um navio estava chegando com uma carga de madeira balsa vinda da América do Sul e que seria entregue na distribuidora General Venner. Sorrateiramente, Noll simplesmente comprou todas as boas placas de madeira e as estocou em seu próprio quarto. Para o pequeno mercado de fabricantes que se formava na Califórnia, sobraram somente madeiras pesadas e de má

qualidade. Com um enorme sorriso no rosto, Noll relembra o desespero de alguns amigos concorrentes: "Um dia recebi um telefonema de Bob Olson, um amigo fabricante de pranchas: 'Noll, seu grande filho da puta! Você limpou a General Venner!? Que tal me vender uma placa para que eu possa fazer ao menos uma prancha para Bruce Brown?'"



Concordei em vender algumas madeiras para ele, e no dia seguinte Bob veio até minha casa com Bruce. Eu não conhecia Bruce Brown naquela época, e ele chegou comendo uma lata de atum. Enquanto eu fazia o negócio com Bob, olhava disfarçadamente para Bruce. Em um dado momento, percebi que ele tentava devorar uma

enorme bocada de atum, quando todos os pedaços caíram no chão. Bruce, sem nenhuma cerimônia, simplesmente chutou os pedaços de atum para baixo da minha cama! Não pude acreditar no que vi, e falei: 'Hei cara... você está no meu quarto, esta é a minha cama! E você acaba de chutar peixe morto para debaixo dela... e ainda quer negociar comigo minhas preciosas madeiras balsas?' Esse foi meu primeiro contato com Bruce Brown. Posteriormente, Bruce se tornou um de meus melhores amigos. Surfamos muito juntos, viajamos, realizamos vários filmes e compartilhamos os melhores momentos de nossa vida. Foi realmente uma época maravilhosa!³"

A PRIMEIRA GRANDE FÁBRICA

A história de Greg Noll na indústria do surf retrata o gigantesco crescimento desta em um período de apenas 10 anos. Noll começou seu trabalho em seu próprio quarto, na primeira metade dos anos 50. Posteriormente ocupou uma garagem dupla, onde iniciou uma das primeiras surfshops de que se tem

notícia. Mais tarde, alugou um local um pouco maior em Manhattan Beach, passando por Hermosa Beach, até finalmente construir uma enorme fábrica de 2.000 metros quadrados em Valley Drive, também em Hermosa Beach^{2,3}. Essa foi a primeira fábrica de pranchas realmente grande da Califórnia. Inaugurada em outubro de 1965, atendia não somente o mercado californiano, mas também fornecia pranchas para o crescente mercado da



costa leste americana, que não se absteve da contaminação pelo vírus do verão sem fim. O sonho californiano já era agora um sonho americano! A inauguração da loja de Greg Noll é um dos capítulos mais importantes da história da indústria do surf, não somente pelo fato em si, mas principalmente pelos acontecimentos não programados. Dick Metz, um grande personagem daquele período, relembra o fato: "Greg convidou toda a indústria

do surf para a inauguração de sua fábrica. Apesar de rivais nos negócios, todos nós éramos acima de tudo grandes amigos. Greg tinha preparado uma recepção digna para o momento em questão. Seria a maior recepção já feita antes no mundo do surf. Todos os figurões do surf foram convidados, principalmente os rapazes da região de Dana Point: Hobie Alter, os grandes surfistas Phil Edwards e Joey Cabell, o jovem Corky Carroll, o cineasta Bruce Brown,

Walter e Flippy Hoffman, o pioneiro das revistas de surf John Severson, Grubby Clark, entre outros. Nós éramos conhecidos como a máfia de Dana Point, e juntos resolvemos ir todos fantasiados de mafiosos, com bigodes postiços, ternos e armas de brinquedo. Alugamos um ônibus e migramos para Hermosa Beach. Não é preciso falar que chegamos lá completamente bêbados, e o que mais me lembro é de alguém derramando uma

enorme travessa de macarrão na cabeça de Mike Stange. O que se viu depois foi a maior guerra de comida de que se tem notícia, e o que ficou de tudo isso? A lembrança da melhor inauguração de todos os tempos³!

O POLIURETANO

O ano de 1958 viu surgir uma outra enorme revolução na indústria do surf. Dois meninos visionários alteraram para sempre os rumos do esporte, ao visualizar a possibilidade de desenvolver outros materiais para a confecção de pranchas de surf.



Hobie Alter foi o primeiro a profetizar tal feito. Hobie, então um grande shaper da época, tinha Gordon "Grubby" Clark trabalhando como laminador em sua surfshop. Clark era um rapaz extremamente esperto e com formação acadêmica em matemática e física. Ambos interessaram-se pela

química de poliuretano e resolveram juntos iniciar a expansão de alguns blocos de espuma. A revolução havia começado! O poliuretano gerou a possibilidade de se reproduzirem pranchas com maior facilidade, sem que o fabricante ficasse na dependência da qualidade da madeira disponível no mercado, que comumente apresentava variações

de peso, porosidade, etc³. A expansão da espuma trouxe muito mais profissionalismo para a indústria do surf, uma vez que melhores equipamentos puderam ser manufaturados em grande escala. Isso impulsionou o desenvolvimento do esporte

em si, elevando o nível técnico e gerando novos talentos. Embora o projeto inicial tenha sido de Hobie e Clark, posteriormente Hobie vendeu sua parte para Clark e continuou somente shapeando. Aliás, tem feito isso com maestria até os dias de hoje. Clark simplesmente se tornou o maior e mais bem-sucedido

empresário da indústria do surf. Acredita-se que atualmente a sua empresa, Clark Foam, seja responsável pela oferta de 95% dos blocos de espuma nos Estados Unidos. Embora Clark abstenha-se de falar de números, alguns membros de nossa indústria estimam que 1.000 blocos de espuma sejam expandidos diariamente pela Clark Foam⁴! Contemporâneos de Hobie Alter e Gordon Clark também se aventuraram no mercado da espuma, porém não se fixaram como Clark. Harold Walker, Gordon Duane e Greg Noll tiveram curtas e divertidas passagens por esse mercado.

Noll nos conta, em sua biografia, que planejou com o seu pai, Ash Noll (que tinha formação em química), arrancar o segredo de Clark sobre a fórmula da expansão desse novo material. Para tanto, resolveram fazer uma visita "de cortesia" para Clark. É claro que não se esqueceram de levar algumas caixas de cerveja. Enquanto Greg Noll

embebedava seu amigo, seu pai ficava atento aos comentários da pobre vítima da espionagem industrial, que ingenuamente versava sobre os materiais químicos envolvidos no processo de expansão. Anos mais tarde, o esperto Greg Noll, juntamente com seu amigo Gordon Clark, relatou esse fato hilário, e Greg Noll terminou a estória com a seguinte frase: "No dia seguinte à

nossa visita, Gordon Clark estava com uma enorme ressaca, e eu... bem... eu tinha a fórmula mágica e comecei a expandir meus próprios blocos". Gordon Clark é, sem sombra de dúvida, um grande exemplo

da contribuição do surf ao mercado econômico mundial. Entretanto, ainda carecemos de uma atitude um pouco mais ética no tratamento dos resíduos tóxicos advindos da expansão química de tais materiais. Atualmente, temos algumas pessoas, inclusive no Brasil, trabalhando para o reaproveitamento desses resíduos, e muitos



fabricantes de pranchas já se conscientizaram da necessidade de adequar suas fábricas às normas condizentes com um desenvolvimento ecologicamente sustentável. Nossa comunidade espera, ansiosa, por novos gênios do calibre de Alter e Clark, que venham novamente revolucionar nosso mercado, transformando-o em um mercado mais próximo de nosso anseio por um mundo melhor, livre dos dejetos químicos e poluentes advindos de nossa diversão e de nosso amor à natureza.

A SURFWEAR

O meteórico crescimento da indústria das pranchas de surf gerou o desenvolvimento de tendências paralelas, que vieram somar-se a esse crescente mercado. A surfwear captou os padrões de comportamento de nossa tribo e traduziu-os em tecidos, usados em roupas e outras vestimentas. Símbolos representativos de nossa unidade comportamental.



No início, as primeiras surfshops vendiam somente pranchas. Posteriormente, passaram a vender nossos uniformes, nossas marcas, que nos uniam enquanto tribo, nossas bermudas, nossas camisas, nossa identidade. Já falamos a respeito da Rochlen' Company, uma das primeiras fábricas de bermudas; e da mitológica Hang Ten. Porém, esse fértil período também viu surgirem outros monstros sagrados de nossa indústria. Um jovem havaiano de nome Craig Sugihara veio das ilhas checar o desenvolvimento econômico da Califórnia e o potencial de mercado da surfwear. No meio dos

anos 60, Craig trabalhava como laminador para Charles Galanto e Greg Noll, em uma fábrica de Honolulu. Nesse período, juntamente com Tak Kawabara, um dos shapers de Greg Noll, Craig fundou a Town & Country Surf Designs, hoje uma das maiores empresas de surfwear do mundo, gerada nos anos dourados e adequada à realidade de nossos tempos³.

A INDÚSTRIA ABRE O LEQUE

Embora estejamos falando somente dos pioneiros da indústria, poderíamos escrever centenas de páginas e, mesmo assim, não esgotar o assunto. Logo, optamos por enumerar, abaixo, algumas datas que julgamos importantes pelo pioneirismo e pelo sucesso obtidos por seus idealizadores⁴.



1952 – Jack O' Neill faz sua primeira roupa de borracha.

1959 – Nasce a Kanvas By Katin, através de Nancy e Walter Katin.
1959 – Um surfista de Venice de nome Derrick "Skipperboy" Engblom torna-se a primeira pessoa a manufaturar um skateboard

com objetivos comerciais. É a indústria do surf parindo seu primeiro filho e gerando um mercado paralelo ao seu. O surf começa a invadir o asfalto e os mais distantes locais do interior do EUA. Skipperboy tem 12

anos de idade!
1960 – John Severson decide fazer uma revista promocional para seu filme Surf Fever. Três mil dólares e 10 mil cópias depois, está criada a Surfer Magazine! Essa foi a primeira revista especializada em surf, e continua sendo um dos nossos principais veículos de mídia.

1962 – Um rapaz de nome Mark Richards abre a primeira surfshop situada longe da costa. A Val Surf foi instalada no norte de Hollywood.
1965 – Jack O'Neill recebe sua patente pelos neoprenes – The O'Neill SuperSuits.

OS PRIMEIROS FILMES DE SURF

O final dos anos 50 assistiria ao nascimento de outro importante movimento pertencente ao crescente cenário da indústria do surf: os filmes de surf. Esse capítulo da história pode ser dividido em dois atos completamente distintos. O primeiro deles diz respeito aos filmes produzidos pelos próprios surfistas. Tais películas retratavam com honestidade o seio dessa subcultura, e seus idealizadores foram também



os diretores, os camera-makers, os patrocinadores, além de, muitas vezes, os próprios protagonistas das cenas mais quentes. O segundo ato, por outro lado, diz respeito aos patéticos filmes hollywoodianos, que em sua maioria retratavam a cena surfística de forma caricaturizada e grotesca, e objeti-

vavam a simples extração de lucros da juventude americana, recém-contaminada pelo vírus desse "novo" movimento. Podemos

classificar os protagonistas do primeiro ato como os "insiders", pessoas verdadeiramente envolvidas com a cultura emergente, sendo os "outsiders" as pessoas albeias a tal movimento³. O pioneiro do

grupo dos insiders foi Bud Browne. Browne era salvavidas, como muitos dos surfistas daquela época, e se interessou por esse ramo devido à facilidade em captar as mais diversas imagens nas praias californianas.

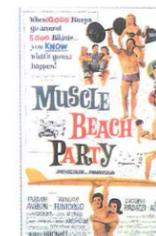
Por alguns anos, seus filmes foram um marco na Califórnia. Os surfistas dos mais diversos locais se encontravam nos pequenos auditórios da região de Santa Monica, para apreciar as mais recentes cenas captadas por Browne. O retorno era tremendo. Vendiam-se os ingressos por um dólar e, depois, o

pessoal regozijava-se com os berros, os urros e o comportamento enlouquecido da platéia, extasiada com as cenas de ação³. Uma grande quantidade de surfistas aventurou-se na realização de produções independentes: Warren Miller, John Severson, Greg Noll, entre outros. Greg Noll fez algumas pérolas nessa época, filmadas durante suas viagens para a Austrália, Havaí e México. Em 1958, Greg lançou um filme rodado em Mazatlán, no México, e é bem provável que essa tenha sido a primeira vez em que as ondas mexicanas foram surfadas³. Noll trabalhou com filmes de surf durante seis anos consecutivamente, até abandonar esse segmento e partir definitivamente para o mercado das pranchas de surf. Seus filmes receberam todos o mesmo nome: Search for Surf, e, a cada ano, Noll lançava a seqüência do filme anterior, lotava o Pier Avenue Auditorium, enchia o bolso de dinheiro e se mandava para outra surf trip! Eta vidinha boa, essa do Greg Noll! Para se ter

uma idéia da quantidade de filmes desse período, somente no ano de 1962 os seguintes títulos entraram no circuito interno: Cavalcade of Surf, de Bud Browne, Going My Wave, de Severson, Psyche Out, de Walt Phillips, Surfing Hollow Days, de Bruce Brown, Surfing in Hawaii, de Clarence Maki, e Surfing the Southern Cross, de Bob Evans². Entretanto, quando se menciona esse período, um nome sempre vem à mente, e esse nome é Bruce Brown, aquele mesmo do peixe morto, lembra? Brown também filmou algumas pérolas, e deixou seu nome marcado para sempre em 1965, quando lançou despreziosamente um filme chamado The Endless Summer! O roteiro era simples, dois surfistas, Mike Hynson e Robert August, seguindo o verão e a ondulação pelo mundo afora. Brown e sua equipe filmaram no Senegal, em Gana, na Nigéria, África do Sul, Austrália, Taiti, Havaí e Califórnia, tudo isso com um gasto de 50 mil dólares. Uma vez terminado o filme, Brown recebeu a visita de um surfista amigo seu,

Paul Allen. Allen estava disposto a tentar colocar *The Endless Summer* no circuito de cinemas dos EUA, e depois de algumas tentativas e muito empenho, em 1966, o filme de Bruce Brown passou a ser exibido em rede nacional. O resultado foi desconcertante, Brown e Allen faturaram alguns milhões de dólares, naquela que pode ser considerada a mais bem-sucedida e não planejada ação cinematográfica de todos os tempos! O filme emocionou a todos, desde surfistas, passando pelo público leigo, até os mais severos críticos de cinema. Tudo isso com uma narração caseira, feita por Brown, e 50 – eu disse 50 – mil dólares de investimento^{2,3}! Sobre esse período, Bruce Brown relata: "The Endless Summer foi meu último filme. Fiz uns seis deles, mas depois de *The Endless Summer* as pessoas me perguntavam: 'E agora, Bruce, quando você vai para Hollywood?'. E eu dizia: 'Bullshit'. Como muitos outros surfistas, eu tinha encontrado algo em que era bom, podia ganhar alguma grana e me

manter surfando. Quando criança, nenhum de nós tinha a mínima noção de que poderia fazer dinheiro com surf. Nosso objetivo sempre foi encontrar alguma maneira de sobreviver no surf, para sempre viver no surf. Muitos surfistas, dos anos 50 e 60, foram capazes de encontrar esse caminho, e, muito embora houvesse entre nós um certo ar de competição, nós nos admirávamos mutuamente. Não havia inveja³." No Brasil, *The Endless Summer*, recebeu o nome de *Aventuras de Verão*, e foi exibido em vários cinemas. Posteriormente, invadiu a pequena tela das televisões e foi passado inúmeras vezes na sessão da tarde da Rede Globo. Ainda me recordo da enorme excitação que esse fato produzia em mim. Creio que *The Endless Summer* deve fazer parte dos programas mnemônicos (que se fixam facilmente na memória) gravados no cérebro de cada um de nós, que ajudam a moldar um inconsciente coletivo em nossa tribo. Compartilhamos várias memórias, e essa é com certeza uma das mais belas e enaltecidas. Mas, existiu também o segundo ato,



o ato dos outsiders. Essa etapa foi composta de inúmeros filmes hollywoodianos, que, mesmo descaracterizando o surf de sua essência, foram responsáveis por uma enorme explosão de novos adeptos, e conseqüentemente tiveram forte influência no crescimento da indústria. O surf, entretanto, teve que resistir a quase uma década de caricaturas horrendas, que compunham filmes como: *Gidget Goes Hawaiian* (1962), *Beach Party* (1963), *Muscle Beach Party* (1964), *Ride The Wild Surf* (1964), *Beach Ball* (1965), *Beach Blanket Bingo* (1965), e *Don't Make Waves* (1967). Porém, o primeiro filme dessa série não foi de todo ruim. *Gidget*, lançado em 1959, retratava sem muito

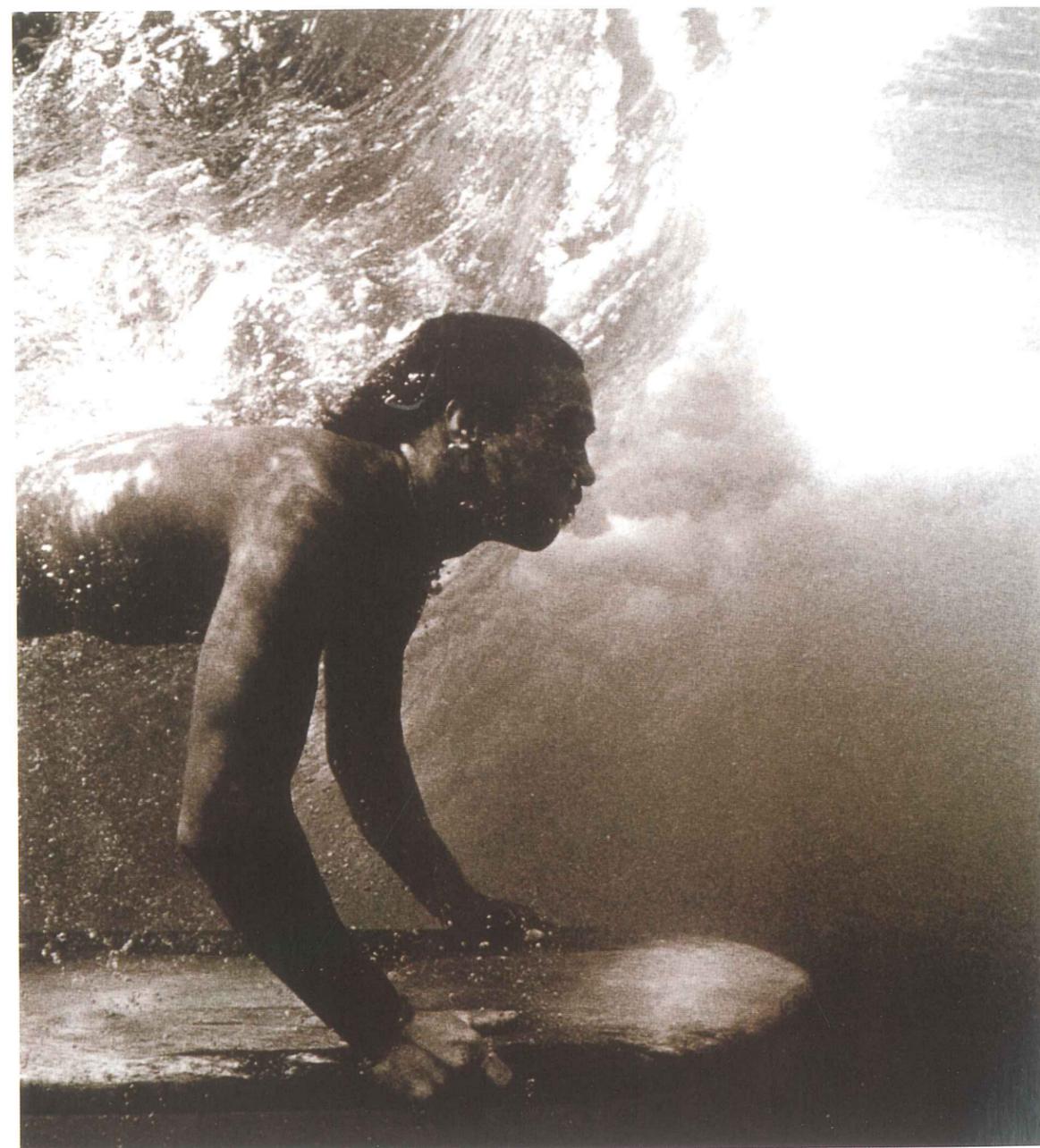
sensacionalismo a vida de uma menina no mundo do surf. Esse filme conseguiu atrair até mesmo a atenção de alguns surfistas verdadeiros, como foi o caso de Steve Pezman, editor da revista *Surfer*. Para Pezman, *Gidget* foi um dos responsáveis pela explosão da cultura surf em todo o mundo². A indústria cinematográfica freqüentemente contratava surfistas como dublês. Mickey Dora, Phil Edwards, Mike Doyle, Greg Noll, Mickey Muñoz, entre outros, foram os responsáveis por todas as cenas de ação ocorridas nesses filmes. Noll até mesmo nos fala da primeira vez de Miki Dora em Waimea. Dora tinha sido contratado como dublê para o filme *Ride the Wild Surf*, mas nunca tinha surfado Waimea antes! "Ele estava verdadeiramente amedrontado lá dentro. Mas dropou ondas enormes. Não consigo

imaginar outra pessoa no mundo capaz de fazer, em tão pouco tempo, uma transição tão intensa quanto esta: de 3 pés em Malibu para mais de 20 pés em Waimea³!"

O AMADURECIMENTO DA INDÚSTRIA

Esses foram os anos dourados do nascimento da indústria do surf. Como todo o acontecimento, esse fato também redirecionou o rumo do nosso esporte. Algumas pessoas foram, e ainda são, completamente contra tamanbo crescimento. Saudosistas, essas pessoas reclamam a perda da pureza e da essência do surf, em detrimento de uma visão mercantilista, que tem os lucros financeiros como um fim em si mesmo. O controverso surfista californiano Miki Dora foi um dos maiores opositores do crescimento da indústria do surf. Dora lutou toda a sua vida para manter-se longe desse círculo vicioso. Para ele, os surfistas estavam se prostituindo ao vender seus sonhos de forma tão barata. Talvez essa seja nossa verdadeira prova neste mundo, conseguir manter inabaladas nossas crenças, nossos desejos e nossas opções de vida, e ao mesmo tempo transitar incólumes pelas mais severas mudanças de paradigmas.

George Harrison um dia falou: "Eu amei verdadeiramente os primeiros dias dos Beatles. Mas então nós ficamos famosos, e isso estragou tudo". É possível que esteja aí a suprema lição para nós, surfistas. Estamos inseridos em um contexto muito maior. A sociedade é cíclica e muda constantemente, tal qual o nosso playground oceano. Os valores humanos devem se adequar a cada novo contexto. Saber adaptar-se às mudanças contextuais exige sabedoria, discernimento e sensatez, e tudo isso nos é oferecido pelo nosso surf. Cabe somente a nós nos alimentar com esse sublime ensinamento, para encarar com maturidade o crescimento desmedido do esporte. O crowd e os atuais valores mercadológicos são necessários, passageiros e cíclicos, além de inevitáveis. Entretanto, também podem nos oferecer ricas oportunidades de crescimento interior. Para isso, basta analisar o movimento da maré, posicionar-se adequadamente, respeitar as regras éticas, não rabear ninguém e dropar a maior onda da série. A indústria é como o mar, e as oportunidades são como as ondas. Sempre existiram, sempre existirão, e, se você se preparar adequadamente, talvez possa sobreviver no surf, para finalmente viver no surf... forever and ever...



Referências bibliográficas

1- Finney, Ben & Houston, James D. *Surfing, A History of Ancient Hawaiian Sport*. Pomegranate Artbooks. San Francisco, 1995.

2- Kampion, Drew & Brown, Bruce. *Stoked – Uma história da cultura do surfe*. Benedikt Taschen Verlag Gmbh. First published by General Publishing Group, Inc. Los Angeles, 1998.

3- Noll, Greg & Gabbard, Andrea. *Da Bull – Live Over the Edge*. North Atlantic Books. Berkeley, California, 1989.

4- *The 25 Most Influential Surfers of All Time – Surfer Magazine*. 40th anniversary, 40:10. October, 1999.

5- Warsaw, Matt. *Surfriders – In Search of the Perfect Wave*. Surfer Magazine. Collins Publishers, 1997.

Filme disponível em vídeo

Search for Surf – Da Bull

Produção e direção – Dana Brown

Por Marcello Arias

Alma Surf

Encarte integrante da edição #9 da revista ALMA SURF. Não pode ser vendido separadamente.

